

## Uma estância na Fronteira, um amor perdido e um concerto de Dvorák

09 DE DEZEMBRO DE 2016  
00:00

Joel Neto



PARTILHAS



ENVIAR POR EMAIL



IMPRIMIR

### Temas

NOVAS EDIÇÕES

LIVROS

LITERATURA

JOEL NETO

Podia chamar-se Fronteira, porque o pampa gaúcho, onde se situa, fica na fronteira entre dois países (o Brasil e o Uruguai) e, ao mesmo tempo, é palco das mais diferentes dicotomias: entre o amor e a arte, a perfeição e o defeito, o casamento e a paixão, o passado e o presente, a paz e o sobressalto, a dor e a beleza. Ao invés, traz o título *O Inverno e Depois*, tão belo como romântico. É o novo romance de Luiz Antonio de Assis Brasil, importante ficcionista brasileiro que viemos a negligenciar no meio das obsessões da autoficção e da metalinguagem, e tentar comprá-lo a partir de Portugal prova quão quimérica permanece qualquer ideia de um mercado editorial comum, elencada entre os argumentos para a defesa do Acordo Ortográfico de 1990.

Depois de quatro anos de volta ao papel de secretário de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul (2011-2014) e outros tantos sem publicar romances - o último fora *Figura na Sombra* (2012), também inédito em Portugal -, Assis Brasil regressa com aquela a que a melhor crítica brasileira não hesitou em chamar a sua obra-prima. A história é a de um violoncelista proveniente do pampa, Julius - ou Julius Caesar da Câmara Pereira e Canto -, que estudou em Würzburg, toca na Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo e, chegada a meia-idade, decide voltar à estância Júpiter, onde nasceu, para preparar o cumprimento de uma velha promessa: a execução do Concerto para Violoncelo e Orquestra em Si Menor, de Antonín Dvorák.

Mas o regresso é também a procura de uma reconciliação: com a infância na Fronteira e a meia-irmã abandonada, com a mulher (Sílvia), com a amada de juventude nunca esquecida (Constanza Zabala) e consigo próprio. E é nos interstícios do ensaio dos exigentes compassos do compositor checo que o leitor acabará por dar-se conta daquilo que o levou de promissor

instrumentista a bolseiro na Alemanha e daí a veterano de uma orquestra razoável.

Um Bildungsroman de pendor clássico - não obstante os tiques modernistas, a começar pelo jogo de saltos temporais -, e que, por paradoxal que pareça, vem adicionar um odor renovado ao universo da literatura lusófona (e brasileira em particular), hoje tão centrado(s) na luta entre o próprio escritor e o seu texto. Assis Brasil, que além de romancista e académico - e mentor de uma das mais importantes oficinas de escrita do Brasil e da língua portuguesa, mantida em Porto Alegre - é músico e violoncelista, está com certeza ali. Mas o que emerge, muito mais do que algum tipo de ousadia formal - ou mesmo apenas a obsessão de integrar determinado género de corrente contemporânea -, é a elegância de uma escrita feita de rigor métrico, riqueza lexical e alcance simbólico, que nos devolve o deleite da boa e velha ideia de "romance".

É talvez um dos livros mais comovidos e íntimos do autor, sem deixar de ser um dos mais acabados. Devedor do compatriota (e vizinho) Érico Veríssimo, também Assis Brasil dedicou muito tempo à narrativa de fundo histórico. Mas não desta vez. Logo nos primeiros parágrafos, e entre referências a "celulares" e "aplicativos", a Obama e a Merkel, situa o leitor no tempo. E, enquanto o faz, deixa clara também a sua primeira intenção narrativa, levando-nos sem dor aparente a diferentes momentos do passado e gerindo as ligações com um admirável domínio dos mais distintos dispositivos de narrativa, incluindo subtis cliffhangers intercalares que libertam e devolvem o autor à juventude de Julius, namorando uma uruguaia fogaosa que lhe ensina o amor pela imperfeição; à sua idade adulta, feita de um casamento mais ou menos rotineiro e mais ou menos conformado; e à sua infância, primeiro na estância e depois em São Paulo, e ao longo da qual a generosa tia Erna lhe apresenta a possibilidade da música.

No fim, tudo regressa à música, porque também entre ela e a literatura se diz haver uma fronteira que, mais provavelmente, nem existe. E tudo regressa ao violoncelo, o instrumento que Julius carrega no estojo, e que no fundo tomou todas as grandes decisões da sua vida - incluindo essa de, no fim, tornar ou não a atravessar a linha que divide o Brasil e o Uruguai (o presente e o passado, o casamento e a paixão), em busca do rasto do amor perdido.

Um livro ainda por editar em Portugal, país onde desde a experiência na Ambar (2003-2005) Luiz Antonio de Assis Brasil permanece injustamente esquecido. Nenhum problema, dir-se-ia: caminhamos para um mercado editorial comum - mesmo que não desprovido de barreiras alfandegárias -, e a nova ortografia (que Assis Brasil até segue) está aí para prová-lo. Afinal, o livro custa no Brasil a partir de R\$ 31,90 - qualquer coisa como 8,65 euro - e, via FNAC (a Wook não o disponibiliza), chega a Portugal a 67,75 euro, quase oito vezes mais. Comprando a uma livraria online brasileira, é diferente, mas não necessariamente melhor. Muitas cadeias nem exportam para Portugal. A Livraria Cultura exporta, e o livro até pode chegar cá por cerca de 23,40 euro, menos de três vezes o preço original. Talvez seja preciso é esperar dois meses pelo carteiro.